

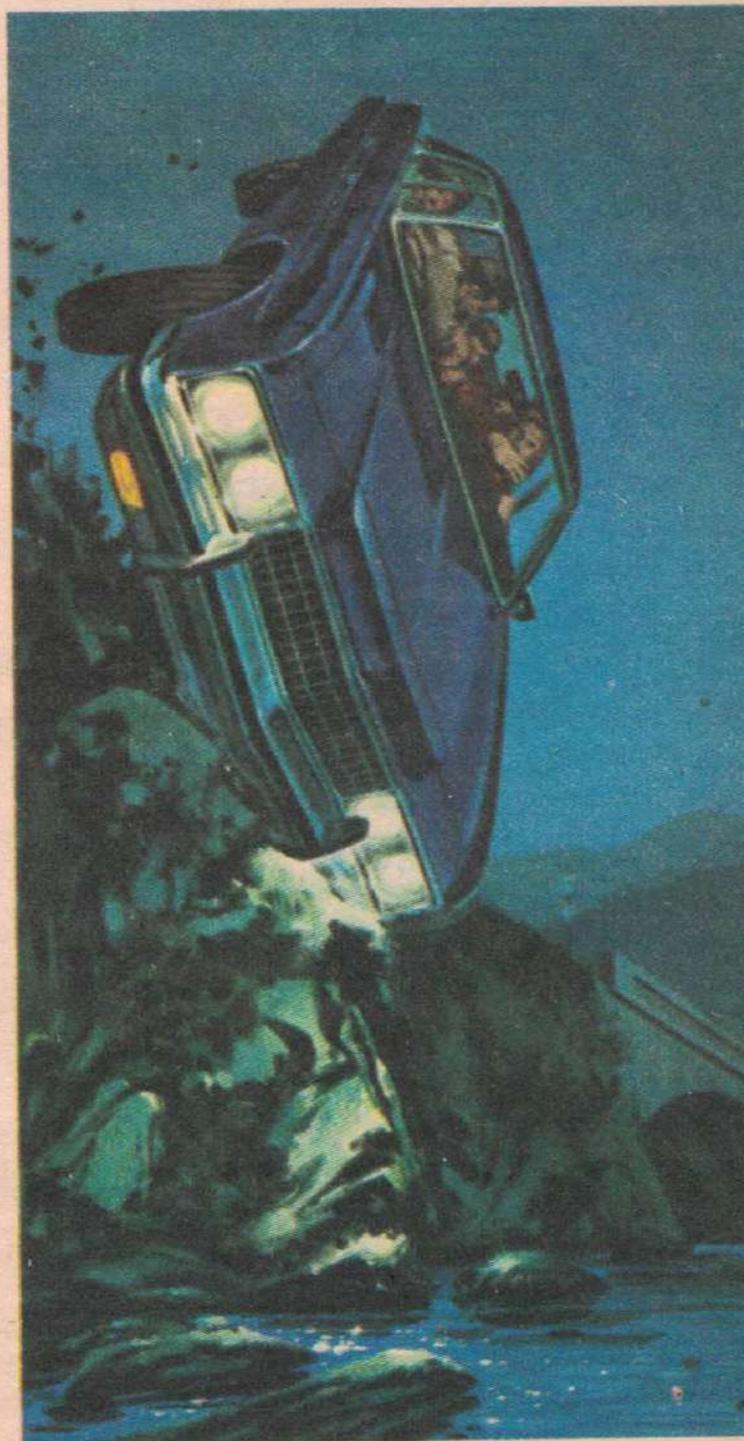
Uma noite escura, uma estrada solitária, um bloco de gelo — e, de repente, o carro que levava a família capotou e mergulhou na corrente

## TERROR NO CÓRREGO GELADO

JOSEPH P. BLANK

**S**EUS PULMÕES pareciam estar a ponto de estourar por falta de ar, enquanto ela tentava, desesperadamente, se esgueirar pela abertura de 30 centímetros da janela do carro capotado. Uma vez fora, pôs-se de pé, com água até o pescoço. A temperatura era de uns 20 graus abaixo de zero, e um vento de 65 quilômetros por hora chicoteava-lhe o rosto. Apenas metade das rodas do carro e alguns centímetros do chassi estavam visíveis, fora d'água. Todo o restante estava mergulhado nas águas geladas do córrego.

Quando conseguiu respirar, ouviu gritos de seus filhos, ainda presos dentro do carro, mas não se ouvia nenhum barulho de Ben, seu marido. *Tenho que mergulhar de novo, e mostrar-lhes como sair pela janela.*



Ela mergulhou, e bateu a janela do motorista, pela qual tinha escapado. Estava fechada! Mergulhou, então, repetidas vezes, ansiando, freneticamente, por uma janela aberta. Não lhe ocorreu que a corrente a tivesse arrastado um pouco para baixo, no córrego, e que estaria, provavelmente, arranhando a janela traseira, e não a do motorista.

De repente, percebeu que os gritos tinham cessado. Paralisada, desorientada, ficou na água que lhe gelava os ossos. Ela estava só. *Meu Deus, não quero ficar aqui fora sozinha. Quero estar com minha família. Mas alguma coisa tem que ser feita. Alguém tem de saber o que aconteceu.*

Chapinhou ao redor do carro, arrastou-se até uma margem escarpada, de três metros de altura, passou por uma cerca de arame farpado. Esgueirou-se por baixo dela, e só então percebeu que estava na margem contrária à estrada. Voltou pela cerca, e desceu a escarpa, quando torceu o tornozelo e caiu.

Enquanto se arrastava para ficar sentada, notou que os sinais luminosos do carro ainda estavam piscando debaixo d'água.

*Todos se foram. Meus quatro filhinhos. E Ben. Ben também estava morto. De que adiantava, então, continuar viva?*

**Gelo sobre a ponte.** Aquele tinha sido um delicioso feriado para a família Roberts. Ben, de 31 anos, cabelos pretos, esguio e forte, trabalhara com afinco na Electric Supply Co., onde era vendedor, e sua firma

ficou-lhe devendo um período de férias. Como não tivesse muitas oportunidades de desfrutar a companhia dos filhos (Kristin, de 8 anos; Karol, de 7; Jack, de 5; Sally, de 22 meses) esperou, ansiosamente, o dia em que pudesse sair com toda a família.

Tinha em mente ainda outro desejo, enquanto se dirigia para casa, em Twin Falls, Idaho, naquela noite de 3.<sup>a</sup> feira do dia 21 de novembro de 1972. «Gostaria de visitar o túmulo», disse ele a sua esposa, Phyllis, uma bonita loura de 29 anos. Alguns anos antes, quando ainda moravam em San Diego, tinham perdido um filho pequeno. «As crianças têm um feriado escolar. Vamos à Califórnia.»

A família visitou a sepultura, e depois passou quatro dias agradáveis revendo amigos, voltando a velhos locais de piquenique e fazendo *surf*. Na manhã de domingo, começaram o longo caminho de volta para casa. Aproximadamente às 9:45 daquela noite, Ben passou o volante à esposa, dizendo: «Acorde-me quando chegarmos a Jackpot. De lá, eu guio de novo.» Jackpot, uma cidadezinha com um pequeno cassino, ficava ao longo da auto-estrada 93, na fronteira Idaho-Nevada, a uma hora de carro de Twin Falls. Despreocupado, Ben adormeceu, com Sally aninhada ao seu lado. As outras três crianças dormiam no assento traseiro.

Três quilômetros ao sul de Jackpot, Phyllis viu que estava em apuros, quando o carro atravessava a

pequena ponte sobre o córrego Shoshone. Ela tinha batido num bloco de gelo escorregadio, provocando uma derrapagem incontrolável.

Ben acordou quando o carro deslizava, como uma barra de sabão, de uma pista à outra da estrada. Tentou agarrar o volante. O carro projetou-se para o riacho que corria paralelamente à estrada. Ben gritou: «Vamos cair!» Inclinou-se, então, para proteger Sally. Phyllis pensou: *Que as crianças se mantenham dentro do carro!*

O carro esbarrou na margem, bateu numa pedra, volteou e capotou no meio do córrego de nove metros de largura. Sem saber como, Phyllis se viu apoiada sobre as mãos e joelhos. A água se precipitava para dentro do carro, inundando o interior. As crianças gritavam. Nenhum ruído vinha de Ben. Phyllis manobrou freneticamente a maçaneta da porta, mas esta não se mexia. «Ben!», chamou ela, «temos de sair daqui!»

A água subia. As crianças continuavam gritando. Puxou de novo a maçaneta. *Isto não pode acabar assim.* Aspirando um último gole de ar, movimentou a manivela do vidro. Este se abriu parcialmente, e ela conseguiu se esgueirar pela abertura. Conseguiu ficar ereta na água, e respirou com dificuldade o ar gelado.

«**Onde estão as crianças?**» Desmaiando quando o carro se chocou com a pedra, Ben ouviu confusamente Phyllis gritar. Estava engolindo água, e percebeu que se afogava. *Vou morrer. Minha família*

*deve estar morrendo. Tudo acabou. Por quê?* Abandonou-se, e aceitou a morte.

Então, ouviu uma criança gritar. Seus filhos precisavam de ajuda e ele tinha de fazer alguma coisa. Segurando Sally por um braço, voltou-se para o assento traseiro. Sentiu pequenos corpos. De repente, sua boca ficou fora d'água. Tossiu e respirou. Mãos se agarraram a seu rosto e puxaram seu cabelo. Estava escuro como breu. Sally berrava no seu ouvido. Por um momento, ele só conseguiu pensar: *Posso respirar. Estamos vivos.* Por alguma razão, a água não tinha alcançado ainda aquele lado. Chegou a uma conclusão: *Phyllis não está aqui.* Então procurou salvar os filhos, que ainda estavam perto do carro.

«Kristin», gritou, «me dê a mão. Agora pegue Sally. Mantenha a cabeça dela fora d'água. Vou ver o que posso fazer para sair daqui.»

Jack gemeu. «Não posso ficar de pé, papai. Estou com muito frio. Quero sentar!»

«Você não pode sentar, Jack. Vai se afogar. Karol, segure a mão de Jack. Não o deixe sentar!»

Abaixou-se dentro d'água, e arrastou-se para a frente do carro. Suas mãos sentiram alguma coisa macia e inerte, entre a coluna da direção e o pedal do freio. Puxou, mas não conseguia libertá-la. *É Phyllis. Está morta.* Sentiu o coração se despedaçar. O que pensou ser o corpo de Phyllis era, na realidade, um grande travesseiro. *Tenho de deixá-la. Tenho que cuidar das crianças.*

De volta do banco de trás, Ben tomou bastante fôlego. Depois, mergulhou, apalpando à sua volta, e puxou o pino da fechadura da porta. Rodou a maçaneta, e atirou-se de encontro à porta com o ombro. Ela cedeu.

Apoiou-se na armação da porta, e voltou à superfície. Na margem, viu a figura de Phyllis. Não pode ser. *Ela está morta no carro.*

Phyllis viu-o neste mesmo instante. «Ben!», gritou. «Ben! As crianças! Onde estão as crianças?»

«Elas estão bem. Venha me ajudar.»

«Não posso ficar de pé.»

Ele mergulhou de volta, entrou no carro, agarrou Sally, arrastou-se com dificuldade até a margem, e entregou o bebê à esposa. Fez o mesmo com Kristin, Karol e Jack. Phyllis reuniu as crianças atrás de uma pequena moita. Elas choravam por causa do frio terrível, e suas roupas estavam enregelando. Phyllis percebeu que pouco faltava para que a ulceração causada pelo frio intenso lhes atacasse as mãos e os pés.

«Mexam-se sempre», ordenou a mãe. «Batam palmas! Batam com os pés! Jack, não te ouço batendo palmas. Mexam-se, todos!»

«Não posso, mamãe!», gritou Kristin, angustiada. «Vamos morrer congelados!»

«Não, não vamos», respondeu a mãe. «Deus nos tirou daquele carro. Não vai permitir que a gente morra agora.»

**Um vulto na estrada.** Assim que as crianças se aglomeraram em torno

de Phyllis, Ben, nadando e chapinhando pelo córrego, galgou a margem da estrada. Estava descalço, tremendo incontrolavelmente e se sentindo mal, em consequência da água engolida. Olhou em todas as direções, em busca de algum sinal de luzes de carro. Nada!

Andando para frente e para trás, com as roupas duras de gelo, tentou pensar. Deveria esperar por um carro? Quanto tempo? Deveria andar até Jackpot em busca de auxílio? Quanto tempo levaria isso? Conseguiria chegar até lá?

Então, ao longe, viu um farol de carro.

«Lá vem um carro!», gritou para a família.

De pé, no meio da estrada, com o coração aos pulos, tremendo de frio, Ben viu os faróis se aproximarem. Quando o carro estava a uns 30 metros da ponte, ele começou a pular, a gritar e a brandir os braços. Desabaladamente, o carro passou adiante.

Em silêncio, Ben viu as luzes vermelhas da traseira desaparecerem. Não conseguiu conter as lágrimas de desespero. Então, quando pensava que o carro tinha partido, viu os faróis da frente se iluminarem, e se moverem na direção deles.

«Eles estão voltando!», gritou.

O carro, uma Kombi, era dirigido por Leonard Braden, que vinha acompanhado de sua mulher, Gail. Eram professores em Pocatello, Idaho, e voltavam para casa, depois de uma visita à família, na Califórnia. Logo que Braden sentira seus pneus per-

derem a tração na ponte, divisara uma figura estranha, de roupas cintilantes e cabelos como pingentes de gelo. Preocupado com a estrada escorregadia, pôs o carro em ponto-morto, até que o gelo se derretesse. Por alguns minutos, perguntou a si mesmo se deveria ignorar a figura na estrada, ou checar para ver se havia problemas. Então, acordou a esposa. «Acho que acabamos de passar por um homem em dificuldades», disse-lhe. «Vamos voltar!»

Voltou para onde estava o homem, baixou o vidro, e olhou para fora. Os pingentes de gelo pendiam da cabeça do homem. Este gritava e parecia bêbado; suas palavras eram incoerentes. Braden, finalmente, decidiu «mulher» e «filhos». Então, viu o carro capotado dentro d'água. «Não há ninguém no carro?», perguntou.

Ben balançou a cabeça. Então, desceu a margem, com as pedras lhe cortando os pés descalços, seguido de Braden. Ben vadeou o córrego três vezes, trazendo uma criança em cada viagem. Braden, na margem, entregava as crianças, nervosas, a sua mulher, que as colocava na parte traseira da Kombi, e as envolvia com cobertores e sacos de dormir. As calças geladas de Jack estalavam, enquanto era carregado.

**Um presente raro.** Ben tinha agora de fazer a última travessia, para buscar sua esposa, que tinha o bebê nos braços. Caminhou dentro do rio, tropeçou e afundou. *Não consigo.* Em contraste com o ar gelado, a água parecia que estava morna.

Phyllis percebeu o que estava acontecendo. Ignorando seu tornozelo machucado, chapinhou pelo riacho com Sally. Braden entrou na água para encontrá-la, e pegou o bebê. Phyllis, então, voltou, agarrou o braço do marido e gritou: «Ben!» Ele se firmou nos pés, e se agarrou à margem.

Nos três minutos que faltavam para chegar a Jackpot, não se ouviu um ruído, exceto o de Ben, que tinha dores terríveis no estômago. *Graças a Deus que parei,* pensou Braden.

O condutor dirigiu-se a um motel, contíguo a um cassino. Os empregados e hóspedes se esforçaram por abrigar toda a família dentro dos quartos, acenderam o aquecimento, e prepararam banhos d'água quente para as crianças. Roupas secas apareceram, como por milagre, e, finalmente, uma ambulância os levou para o hospital de Twin Falls, onde o próprio médico da família os examinou. Nenhum deles precisou de cuidados médicos, exceto Phyllis, cujo tornozelo foi engessado.

Por volta das 4:30 da madrugada, as crianças estavam todas dormindo, em casa. Ben e Phyllis, sentados, bebericavam um café. Entrelharam-se, então, tentando compreender o que havia acontecido — e o que não havia.

«Pensei que vocês todos tinham morrido», disse Phyllis.

«Pensei que tinha perdido você», respondeu Ben. Seus ombros tremiam, enquanto suspirava de gratidão.

Poucas horas depois, a família estava de pé, e andando pela casa. Kristin e Karol insistiram em ir à escola, e Jack implorava que o levassem ao jardim-de-infância. Embora Ben estivesse surpreendido com o poder de recuperação deles, queria que ficassem em casa, para que pudesse observá-los. Mas eles fizeram pé firme. Phyllis, capengando pela casa, não podia parar de rir. Sally

a seguia, por onde quer que ela fosse, gritando: «Mamãe, bate palmas!»

Horas antes, as crianças tinham batido palmas, para evitar a gangrena. Phyllis agora batia palmas por outra razão. Tinha aprendido como a vida é vulnerável. Sua família lhe tinha sido tomada, e, depois restituída. Então, teve de admitir que aquele dia havia sido uma dádiva preciosa.



UM HOMEM encontrou o seguinte bilhete no volante de seu carro, quando chegou de uma viagem de negócios. «Papai! Seu carro está pronto para você, todo lavado por dentro e por fora. Espero que goste. Era o mínimo que eu podia fazer, por tê-lo usado enquanto você esteve fora. Beijos, Mary. P. S.: A parte que falta no pára-lama está guardada no portamalas.»

– M. T.

«ONDE está aquele quadro cheio de nus?», perguntou alguém ao guarda do museu. «Está pendurado agora no 2.º andar», respondeu o guarda. «Temos de mudá-lo constantemente, para que os tapetes se gastem por igual.»

– W. K. Y. P.

UM APELO na revista da paróquia de St. Chad, em Essex, Inglaterra: «Quando você nasceu, sua mãe o trouxe aqui. Quando se casou, sua mulher o trouxe aqui. E, quando morrer, seus amigos o trarão aqui. Por que não experimenta vir, por sua própria vontade, uma vez por outra?» – B. D. A.

DINHEIRO e religião têm sido relacionados desde os tempos de Noé. Ele foi o único homem capaz de manter uma companhia flutuando quando o resto do mundo estava em liquidação.

S. P. D. P. M.

A CIVILIZAÇÃO está chegando, finalmente, a uma das mais antigas culturas remanescentes da Idade da Pedra. Uma tribo perto de Marawaka, em Papua, Nova Guiné, está desprezando aquele tradicional ornamento de osso no nariz, substituindo-o por modernas e elegantes canetas esferográficas usadas.

– J. F.